

**EDUCAÇÃO E O RENDIMENTO DOS RICOS NO BRASIL****Marcelo Medeiros**

Técnico de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea; e professor no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB)

**Juliana Castro Galvão**

Mestranda em sociologia do Programa de Pós-Graduação da UnB

Neste texto, avalia-se em que medida a educação pode ser considerada um dos principais determinantes da riqueza no Brasil. O foco deste estudo é nos trabalhadores que compõem o 1% mais rico da distribuição da renda do trabalho. Para isso, foram utilizados os dados de formação universitária específica da amostra do Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A principal conclusão é a de que a educação pode ser importante para explicar a desigualdade total, mas não há evidências de que a educação de massa seja um dos fatores mais relevantes para esclarecer as diferenças entre os ricos e o restante da população brasileira. Nem mesmo a educação de elite pode ser tomada como um dos principais determinantes dos níveis atuais de riqueza. Há, portanto, uma parte importante da desigualdade total que não será reduzida por políticas educacionais.

Possuir elevados níveis de escolaridade é uma característica compartilhada dentro do 1% mais rico. A questão relevante, porém, é saber em que medida um diploma universitário é suficiente para fazer com que alguém esteja entre os mais ricos. Os resultados indicam que ter um diploma universitário em geral de modo algum parece ser o suficiente para alguém estar acima da linha de riqueza. Ao que tudo indica, por trás dos rendimentos mais elevados, há algum tipo de educação de elite.

Quanto maior a educação, maiores são as chances de se pertencer ao 1% mais rico da força de trabalho. Todavia, pertencer a este grupo está relacionado não somente ao nível, mas também ao tipo de educação recebida. Quando o nível universitário é desagregado,

pessoas em certos cursos têm muito mais chance de pertencer ao 1% mais rico. Para aquelas pessoas com cursos na área de ensino, as chances de estar no 1% mais rico são aproximadamente as mesmas daquelas com somente o ensino secundário; para as que têm um diploma de medicina, porém, as chances ultrapassam as daquelas que têm doutorado. Possuir educação de elite é muito mais importante que simplesmente possuir um diploma universitário.

A variação entre níveis educacionais e categorias de cursos é considerável. Há uma desigualdade expressiva nas chances de estar no 1% mais rico em função do tipo de curso concluído. Os trabalhadores com diplomas na categoria formação de professores e ciências da educação têm chances quase tão baixas quanto aqueles com apenas o ensino secundário. Os que possuem diplomas em humanidades, psicologia, ciências sociais, serviço social e artes – muitos dos quais, na prática, receberam uma educação predominantemente orientada à formação de professores – têm mais chances, mas encontram-se ainda entre as categorias educacionais inferiores. A possibilidade de estar no 1% mais rico torna-se expressivamente maior para aqueles com treinamento em engenharia e atividades correlatas (quase 54 vezes mais chances que um trabalhador sem educação primária completa), direito (74 vezes mais) e medicina (297 vezes). Em termos relativos, trabalhadores nas últimas três categorias têm, respectivamente, 9, 13 e 51 vezes mais chances de pertencer ao 1% mais rico que aqueles com diplomas relacionados à formação de professores e ciências da educação.

Os resultados encontrados indicam que é a educação de elite, e não simplesmente a educação universitária geral, que aumenta as chances de alguém ocupar o topo da distribuição de rendimentos do trabalho. Mesmo assim, sem o efeito diferencial dos cursos de elite, os rendimentos mais altos cairiam, mas essa queda não seria substancial. Em média, o rendimento dos ricos diminuiria 17% caso o efeito da educação tivesse como teto o nível da categoria administração, negócios e economia. Muito mais expressiva seria a mudança causada pelo estabelecimento do teto no nível secundário: as rendas cairiam 39%, em média. Apenas uma fração dos indivíduos ficaria abaixo da linha de riqueza caso o efeito dos cursos de elite fosse removido.

Acredita-se que a maneira apropriada de contemplar os resultados obtidos é concluir que nem mesmo a educação de elite pode ser tomada como um dos determinantes principais dos níveis atuais de riqueza no país. Ela seguramente diferencia alguns trabalhadores dos demais e provavelmente é um determinante importante da riqueza de alguns no 1% mais rico; no entanto, uma grande parte desses trabalhadores seria rica mesmo sem a contribuição líquida estimada da educação para seus rendimentos. Portanto, não se deve assumir que os ricos são ricos predominantemente porque são mais educados.

## SUMÁRIO EXECUTIVO